

ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a recente trilha para a educação superior

CELI CORRÊA NERES

Pós- doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal (2014).
Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo (2010). Mestrado em Educação,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1999). Graduada em Pedagogia (1988) e
Psicologia (1993), é conselheira do Conselho Estadual de Educação MS, avaliadora Ad
hoc do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, docente da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Conselheira do Conselho de Ensino, Pesquisa e
Extensão da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e docente do Mestrado em Educação
- Acadêmico e Profissional - da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. É líder do Grupo
de Pesquisa " Educação Especial". E-mail: celi@uems.br

ELIZONIR FERREIRA ARCANJO MILAN

E-mail: elizonir_@hotmail.com

MARIA DE LOURDES SILVA SILVA

E-mail: silvalou@uems.br



RESUMO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa com enfoque na inserção de estudantes da Educação de Jovens e Adultos na Educação Superior (EJA). Teve como objetivo compreender a trajetória, as expectativas e os desafios enfrentados por alunos oriundos da EJA em sua inserção na Educação Superior. No percurso investigativo, buscou-se a possível resposta à seguinte questão: Quais as principais expectativas e desafios enfrentados por alunos da EJA antes de ingressarem e ao cursarem o ensino superior? Optou-se pela abordagem qualitativa, com contornos históricos dialógicos na perspectiva freiriana. Como procedimentos metodológicos, realizou-se levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas, com seis participantes que estudam ou estudaram na EJA. Obteve-se, como principais resultados, que alunos da EJA envolvidos neste estudo enfrentam vários desafios ligados a questões pessoais, como autoestima e motivação, mas também ligados a fatores como a distância entre casa e escola; conciliação do tempo para trabalho e estudo, fragmentação do conhecimento e currículo desarticulado com seus interesses pessoais. A pesquisa também indicou, ainda que discretamente, a eminência de um novo perfil de estudantes da EJA, que retornam aos estudos não somente em busca da conclusão da Educação Básica, mas com vistas a Educação Superior. Além disso, chegou-se aos indicativos de que as políticas públicas voltadas a esse público necessitam de reformulações e reestruturações, com o objetivo de atender às necessidades e às demandas dos jovens e adultos que decidem pela continuidade nos estudos.

Palavras-Chave: EJA. Educação Superior. Estudantes da EJA/UEMS.

Introdução

O presente artigo trata da trajetória, das expectativas e dos desafios enfrentados por alunos e ex-alunos da EJA, em relação à inserção na Educação Superior. Apresentam-se resultados parciais de uma investigação desenvolvida na linha de pesquisa Formação de Professores e Diversidade, do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação/PROFEDUC, em articulação com estudos realizados anteriormente em disciplinas¹ ofertadas no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, *Campus* Campo Grande. A motivação para esse estudo foi, primeiramente, a grande lacuna apresentada no que se refere às pesquisas que possam registrar a trajetória de alunos da Educação de Jovens e Adultos, tanto na Educação Básica como na Educação Superior. Ademais, o olhar empírico sobre esta realidade apresentava algumas questões importantes a serem investigadas em pesquisas científicas, como a baixa autoestima de egressos dessa modalidade de ensino, a desconfiança sobre a tarefa pedagógica executada pelos professores e gestores na EJA, no que tange à organização

¹ Trata-se das disciplinas Políticas e Práticas de Educação de Jovens e Adultos, do Módulo II – Educação e Diversidade e Itinerários Científicos IV, a qual orienta o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do referido curso de graduação.

do trabalho pedagógico e cientificidade dos conteúdos e, de certa maneira, uma tendência a estereotipar o perfil desses estudantes.

Por se tratar de estudantes que apresentam distorções idade/série, suas trajetórias vêm sendo marcadas por maiores desafios, se comparadas aos percursos educacionais de outros alunos que não são da referida modalidade da Educação Básica, o que mobilizou as pesquisadoras para a busca de maior compreensão sobre o processo formativo e acadêmico desses estudantes.

Para desvelar e descrever esse processo, optou-se pela abordagem da pesquisa qualitativa, uma vez que, segundo Minayo (1994, 0.21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado: Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Como concepção teórica, utilizou-se os estudos históricos dialógicos na perspectiva freiriana, por considerar que:

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana, implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história (FREIRE, 1996, p. 10.).

O diálogo, para Paulo Freire, é uma ferramenta imprescindível nas relações humanas, pois está relacionado à humanização e autonomia do sujeito, que sai da condição de objeto para condição de sujeito crítico.

A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica, e entrevista semiestruturada, realizada com seis alunos, sendo quatro da Educação Básica, na modalidade EJA, e dois da Educação Superior, acadêmicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Todos os sujeitos frequentaram ou estão matriculados em instituições públicas de Campo Grande/MS. As entrevistas² foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

² Todos os sujeitos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e as instituições autorizaram a realização da pesquisa.

Os registros e informações levantados possibilitaram, no tratamento dos dados, o confronto entre a teoria e a prática, assim como a compreensão das expectativas e desafios enfrentados pelos alunos da EJA em suas trajetórias na Educação Básica, e em sua inserção no espaço universitário.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi organizada nas seguintes etapas: primeiro, lançou-se o olhar para o contexto educacional pesquisado; em seguida, realizou-se a revisão da literatura, para que pudéssemos delinear os contornos teóricos da pesquisa; na terceira etapa, em que é descrita a metodologia, apresentamos como foi efetuada a coleta, a organização e os procedimentos de análise e, finalmente, a descrição dos resultados.

Os Estudantes da EJA na Educação Superior

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2009), revelou que, em 2009, apenas 19% dos estudantes da EJA, com idade entre 18 e 24 anos, ingressaram no ensino superior. A análise desses dados permite observar que, no Brasil, o acesso desse público à Educação Superior ainda é incipiente.

A EJA, como modalidade de ensino, não tem sido tomada como uma ação educacional para um desenvolvimento maior do conhecimento e, sim, como uma educação que prepara o indivíduo para servir a fins determinados, “[...] destinando-se a jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no Ensino Médio e Fundamental durante o período regular sugerido pelas políticas educacionais brasileiras.” (BISINELLA, 2014).

Nesse sentido, Andrade (2004, p.2) pontua que, “[...] para que os alunos da EJA possam ter as mesmas oportunidades, a realidade desse ensino deve transpor o enfoque de uma educação compensatória”, ou seja, proporcionar uma educação que transforme pessoas em sujeitos participativos, preparados para lançar-se em busca de sonhos e objetivos, no que se refere, sobretudo, à progressão na escolaridade.

A dimensão de uma educação que desenvolva o conhecimento, que prepare para a vida e propicie transformação, na perspectiva da educação libertadora (FREIRE, 1996), é condição fundamental para projetos de formação em todos os níveis e modalidades de ensino.

Como uma importante contribuição para a discussão dessa problemática, a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul contempla, em todos os cursos de licenciaturas, conteúdos que tratam da estrutura, funcionamento e de políticas públicas relacionadas à modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O curso de Pedagogia, por exemplo, oferece em seu quadro curricular a disciplina *Políticas e Práticas de Educação de Jovens e Adultos*, que trata dos fundamentos, metodologia, políticas e práticas da EJA, promovendo o debate, no campo das legislações, sobre os variados processos operativos inerentes a essa modalidade da Educação Básica. Tal iniciativa permite

contribuir para a desmistificação de estereótipos quanto ao público da mesma, além de oferecer conhecimentos acerca de um campo relevante do trabalho na docência (SILVA, 2015).

A Unidade Universitária da UEMS, em Campo Grande, ainda oferece projetos de extensão, dos quais se destaca o curso de especialização para egresso do Normal Superior, com o intuito de colaborar para a organização do trabalho escolar e a docência na EJA. Segundo Costa (2013, p. 65),

[...] diversas ações vêm sendo realizadas no sentido de cobrar do poder público a responsabilidade na oferta da Educação Básica de jovens e adultos, bem como para as universidades assumirem a formação inicial e continuada de professores e educadores, enfim, que toda a sociedade civil se comprometa com a educação como direito.

Nesse sentido, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com essas ações, pode colaborar com a discussão da educação como direito, uma vez que contribui para que seus acadêmicos conheçam a realidade dessa modalidade e possam vir a ser docentes comprometidos, também, com a educação desses estudantes.

Silva (2015), no entanto, pondera que as pesquisas desenvolvidas na UEMS sobre a EJA ainda são tímidas, considerando a totalidade das investigações desenvolvidas na universidade. Mas, podemos observar que o caminho trilhado pela universidade vem dando visibilidade a essa modalidade no âmbito da Educação Superior. Este estudo demonstra essa assertiva, pois dois dos sujeitos participantes são alunos egressos da EJA e relatam sua trajetória e inserção nessa universidade.

Dimensionando a pesquisa empírica: coleta de dados e os sujeitos da pesquisa

Nesta investigação, dialogou-se com participantes da Educação de Jovens e Adultos, sendo 4 matriculados na modalidade EJA – 2 no ensino fundamental e 2 no ensino médio, em escolas públicas de Campo Grande/MS, e 2 na Educação Superior, em cursos de Licenciatura da UEMS. Optamos por entrevistar alunos que ainda estão em sala de aula por acreditar que, dessa forma, a realidade ainda vivenciada nos aproximaria mais do objetivo de estudo.

No caso dos sujeitos que frequentavam a EJA, a coleta de dados foi realizada na escola, no mesmo período das aulas, para que facilitasse o acesso aos alunos. A escola trabalha durante o dia com a educação comum/regular e à noite com a modalidade de ensino EJA.

A unidade escolar, que atende essa clientela há mais de dez anos, acolheu e foi receptiva à pesquisa, preparando um lugar reservado para a realização das entrevistas. Iniciamos com uma conversa informal, para estabelecer alguns vínculos e empatias, explicando o objetivo da pesquisa e conversando sobre as questões que orientariam a entrevista, que foi feita de forma individual, respeitando-se a liberdade de expressão, opiniões e silêncios.

Em relação aos estudantes da Educação Superior, os dados foram coletados na universidade, nas dependências do Centro de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação, Linguagem, Memória e Identidade (CELMI).

Em ambas as situações, comum na coleta de dados, foram manifestados pelos participantes preocupações e nervosismos que, depois de superados, deram lugar a diálogos nos quais se pode discorrer com liberdade sobre algumas de suas vivências e experiências, permitindo que os sujeitos se dessem a conhecer e compartilhassem suas trajetórias e expectativas de vida (SILVA, 2013).

De posse das gravações, as informações foram transcritas e iniciou-se o tratamento dos dados, buscando, nos referenciais, entender e dar aporte teórico aos relatos. O desenvolvimento da pesquisa perseguiu a possível resposta à seguinte questão: quais as principais expectativas e os desafios enfrentados por alunos da EJA em relação ao ingresso na Educação Superior?

De forma a dar abertura para o diálogo, a entrevista semiestruturada foi orientada pelas seguintes perguntas: Pensando em sua trajetória escolar, quais foram as razões que o/a levaram buscar a EJA como alternativa de estudo? Quais as principais experiências positivas vivenciadas por você na EJA? Houve experiência/s negativa/s? Qual/quais? Quais são (ou quais foram) suas expectativas em relação à EJA? Quais os principais desafios que acredita ter (ou teve) para inserir-se no curso superior?

Os sujeitos participantes da investigação receberam os nomes fictícios de Ana, Jorge, Marta, Marcos, Antonio e Maria - perfis apresentados no Quadro 1.

Quadro 1- Identificação dos Sujeitos da Pesquisa

Nome	Idade	Cursando	Atividade	Local da entrevista
Ana	29	Fundamental EJA	Trabalhadora	Na escola
Jorge	21	Fundamental EJA	Trabalhador	Na escola
Marta	39	Médio/ EJA	Trabalhadora	Na escola
Marcos	33	Médio/EJA	Trabalhador	Na escola
Antonio	44	Educação Superior	Trabalhador	Na UEMS/CG
Maria	45	Educação Superior	Dona de casa	Na UEMS/CG

Fonte: Dados sistematizados pelos autores em 2015.

Trajatórias e desafios revelados na voz dos sujeitos

Os participantes iniciaram a entrevista com certa timidez, mas, depois de um tempo de diálogo sentiram-se à vontade e mostraram-se orgulhosos em relatar suas experiências, deixando a impressão de que almejavam ser ouvidas e relatar suas experiências.

A aluna Ana, discreta, mas determinada, relata que estava há quinze anos fora da sala de aula e há um ano cursa o Ensino Fundamental na EJA. Havia parado seus estudos por causa do trabalho e retornou porque entende que o estudo é fundamental. Ana destaca as vantagens do curso noturno, o considera mais rápido. A aluna, em seu relato, manifesta estar encorajada a fazer um curso superior. Quanto a essa expectativa, diz que, para “[...] falar a verdade não tinha nenhuma, achava que não ia conseguir, mas já estou finalizando o primeiro ano” (ANA). Demonstra, ainda, valorizar o seu percurso na EJA e certo orgulho por seu processo de aprendizagem. Afirmou que suas experiências foram positivas, pois tem facilidade em aprender e os professores são muito pacientes. Para ela, um dos maiores desafios para se inserir no curso superior seria conseguir conciliar o estudo com a criação dos filhos e o trabalho.

Jorge, um dos mais jovens, estava há três anos fora da sala de aula e há dois retornou ao Ensino Fundamental. Relata que teve algumas desistências por ter deixado se influenciar por amizades “negativas”, mas que agora voltou, mais amadurecido, com a expectativa de ingressar no curso superior. Para o entrevistado, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) torna mais fácil conseguir ingressar, pois o exame facilita o acesso ao Programa de Financiamento Estudantil (FIES). Como experiências positivas, relata sobre o acolhimento dos professores e o suporte por eles oferecido no que se refere à aprendizagem dos conteúdos. Acredita que, quando chegar ao curso superior, seu desafio principal será vencer a discriminação por ser egresso da EJA, pois acredita “[...] que lá não será diferente do resto da sociedade.” (JORGE) Essa discriminação

já vem sendo por ele percebida: “[...] quando digo que faço EJA as pessoas parecem logo me julgar incapaz.” Quanto às possíveis dificuldades, diz que serão consequência da limitação dos conteúdos dados na EJA.

Os aspectos mencionados por Jorge, a respeito de ser estudante da EJA, remetem a problemas sociais que guardam relação com a imagem que a sociedade geralmente relaciona ao aluno da EJA, identificando-o com a camada mais pobre da sociedade, aos negros, aos marginalizados e/ou marginais e a pessoas com pouca ou nenhuma instrução. Nesse sentido, o preconceito acontece não pelo fato de ser do ensino da EJA, mas pelo público que este representa.

Outra entrevistada foi Marta, aluna que estava há vinte um anos fora da sala de aula e há quatro havia retornado. Na ocasião, estava terminando o ensino médio. Relatou que suas várias desistências foram motivadas pela distância da escola e do trabalho. Ela diz que voltou a estudar para atingir seu objetivo, que é terminar o Ensino Médio, chegar ao Ensino Superior e fazer pedagogia, um sonho antigo. Em suas palavras:

Para conseguir meus objetivos, primeiro eu sempre sonhei em ser alguém na minha vida, segundo, hoje em dia, o estudo diz tudo na vida da gente, a gente não pode desistir. Hoje, um emprego exige muita escolaridade, não se consegue fazer um concurso sem ter o Ensino Médio, a sociedade exige demais, e é bom exigir, porque senão como a gente vai chegar a um ideal? Acaba sendo um incentivo (MARTA).

As experiências positivas que ela relatou foram a aquisição de mais conhecimento, o incentivo e dedicação dos professores e a elevação da autoestima. Um dos pontos negativos mencionados por Marta é a falta de escolas que ofereçam a EJA nos bairros, o que faz com que os alunos tenham que se deslocar para outros bairros ou para o centro, o que acaba influenciando a desistência. A aluna acredita que os desafios e as dificuldades que enfrentará para ingressar e se manter no curso superior serão grandes e, portanto, terá “[...] que ter uma força de vontade maior.” (MARTA).

De fato, em relação à quantidade insuficiente de escolas próximas aos alunos, mencionada por Marta, segundo o Plano Municipal de Educação - PME (2015, p.10) do município de Campo Grande/MS “[...] o número de escolas públicas das Redes Municipal e Estadual de Ensino que ofertaram a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi reduzido no decorrer dos anos.” Ainda conforme o documento, em 2013 houve 45,6% de evasão desses alunos, o que pode ter sido motivado, entre outros fatores, pela distância das escolas.

O aluno Marcos, por exemplo, também entrevistado nesse estudo, ficou nove anos fora da sala de aula, pela necessidade de trabalhar, e há dois anos havia retornado, escolhendo a

modalidade EJA por ser um curso mais rápido, para adquirir conhecimentos que o auxiliassem a fazer um curso profissionalizante e, também, para, futuramente, ingressar no curso superior. A maior dificuldade que relata em relação aos estudos na EJA é o cansaço, devido ao dia inteiro de trabalho, e os conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa. As experiências positivas que vivencia na EJA são o companheirismo e o incentivo dos professores, que elevam a autoestima e transmitem confiança. Quanto às expectativas em relação ao curso superior, narra: “Desafios todos nós temos e sei que vou encontrar. A dificuldade seria a locomoção, mas acredito que o que está sendo aplicado de conteúdo é um suporte para o Ensino Superior, não me sinto limitado.” (MARCOS).

Ao relatar sobre o “companheirismo” e o “incentivo” do professor, assim como já o haviam feito Marta e Ana, pode-se perceber indícios da superação de uma relação professor-aluno pautada no autoritarismo, nos papéis de “opressor” e “oprimido”, denunciados em Freire (1987). A relação pedagógica defendida por Freire (1996) é dialógica, uma vez que a vivência produz ensinamentos e todos trazem consigo conhecimentos que, por meio do diálogo, podem ser aprofundados e compartilhados.

Ao analisar os relatos dos alunos em relação aos conteúdos ministrados na EJA, sentimos a necessidade de registrar uma conversa informal, devidamente autorizada, com a coordenadora pedagógica da escola pública em que realizamos as entrevistas. Rita tem quase trinta anos de trabalho com a EJA e, de acordo com ela, os conteúdos ministrados são praticamente os mesmos do ensino regular, com algumas adaptações. Devido ao seu tempo de experiência com essa modalidade de ensino, conclui que

Teria que haver uma mudança no currículo, não somente para a EJA. É um currículo muito complexo e como a EJA é compacta, [...] deveria ser um currículo com mais significação para o aluno e completo. Quanto ao aluno cursar uma faculdade, depende muito dele em buscar por mais conhecimento sendo da EJA ou não. Entretanto, o aluno da EJA terá que se esforçar um pouco mais, mas isso também é para o aluno do ensino regular de escola pública (RITA).

Esse depoimento aponta para a evidente necessidade da mudança do currículo, uma vez que os alunos demonstraram, neste estudo, a expectativa de ingressar em um curso superior. Esses alunos não mostraram que se sentiriam satisfeitos apenas com o certificado de conclusão do Ensino Fundamental ou Médio. A EJA, para eles, não se configura como uma etapa terminal; antes, apresenta-se como uma etapa de transição para a continuidade dos estudos acadêmicos.

Dessa forma, procuramos entrevistar acadêmicos egressos da EJA, que estivessem vivenciando essa realidade, por vezes vista como inatingível, de ter conseguido acesso a um curso universitário.

Um desses sujeitos foi Antônio, que já tinha vinte e um anos de idade quando sentiu a necessidade de terminar o Ensino Fundamental e Médio. À época da entrevista, ele havia terminado seus estudos na EJA há mais ou menos dezenove anos e cursava o quarto e último ano no Curso de Licenciatura em Geografia, ofertado pela UEMS - Unidade Universitária de Campo Grande.

Antônio relata que seu objetivo nunca foi fazer um curso superior, que escolheu a EJA porque estava em defasagem idade/série e precisava concluir o antigo “segundo grau” o mais rápido possível. Sob seu ponto de vista, o aspecto positivo encontrado na EJA foi o de que a escola era perto de seu trabalho e contava, ainda, com metodologias da educação a distância. Para Antônio, um dos aspectos importantes desse ensino foram os professores de plantão, que facilitavam a superação de dificuldades e a aprendizagem. Como experiências negativas, relembram a falta de um professor de Química, pois hoje entende que, se o curso fosse presencial, teria tido mais facilidade em apreender esse conteúdo.

Quando decidiu fazer um curso superior, fez vários vestibulares, passando em três deles e no ENEM. Ao ser questionado sobre as estratégias utilizadas para ter sucesso nesses exames, responde: “[...] procurei estudar e ler o tanto quanto possível.” (ANTÔNIO).

No início de sua trajetória acadêmica, Antonio relata ter sentido dificuldades, sobretudo quanto a produzir textos, pois considerava que “[...] sempre [foi] muito limitado em relação à Língua Portuguesa e isso é uma limitação que [vem] vencendo” (ANTÔNIO). A EJA, de acordo com ele, deu-lhe grandes possibilidades e fê-lo acreditar nas possibilidades que viriam com a conclusão do curso superior.

A segunda entrevista com egressos da EJA na Educação Superior foi com Maria, que cursa, em 2015, o quarto e último ano no Curso de Licenciatura em Pedagogia, também na UEMS- Unidade Universitária de Campo Grande. Ela havia ficado fora da sala de aula por quinze anos e há cinco terminara seu Ensino Médio na EJA. Voltou a sala de aula no Maranhão, à época em que ainda era oferecido o supletivo. A razão que a levou a retomar os estudos foi o desejo e necessidade de terminar o Ensino Médio, embora, segundo ela, sempre sonhara em fazer o curso superior. Maria relata que o nível superior era visto como um sonho muito distante, porque achava seus estudos eram “muito fracos” e não teria “condições de fazer um vestibular”, pois teria “que estudar muito, muito mesmo e não daria por ter duas crianças pequenas” (MARIA). Relatou que a experiência negativa desse período deveu-se ao fato de ter ficado afastada da sala de aula por muito tempo. Aliado a isso, havia a grande distância que tinha que percorrer todos os dias e a falta de apoio por parte dos professores que, segundo ela, em nenhum momento

estimulavam os estudantes a dar sequência aos estudos, nem mesmo ingressar no mercado de trabalho. Segundo Maria, a prática dos professores, em geral, era simplesmente voltada para a alfabetização, o que a motivou a estudar mais. Para ela, “[...] a experiência negativa trouxe a positiva, o desafio.” (MARIA).

Quanto às expectativas, Maria assinalou que, como sabia que seus estudos eram “muito minimizados”, apresentava uma perspectiva muito tímida de concluir o Ensino Médio para chegar a uma universidade. A participante disse acreditar que os desafios e os limites para inserir-se no curso superior foram significativos, pois eram muitos, a começar por não ter feito um ensino regular. Relata: “[...] mas, me arrisquei a fazer o ENEM e consegui.” (MARIA). Afirmou que sempre teve facilidade para escrever e conseguiu sair-se muito bem na redação. Para ela: “As possibilidades que o curso superior me traz são muitas, pois existem muitas áreas que um pedagogo pode atuar e, dessa forma, vejo um leque se abrir à minha frente.” (MARIA).

Os resultados obtidos indicam que Ana, Jorge, Marta, Marcos, Antonio e Maria retornaram aos estudos na EJA com a principal expectativa de conseguir um trabalho melhor. Ressaltaram com muita propriedade o objetivo de inserir-se no curso superior, mesmo os que buscaram a EJA somente para terminar o Ensino Médio, pois tinham o mesmo sonho, mesmo que tímido ou visto como inacessível.

Os depoimentos revelam que os participantes que estão na EJA demonstram ter consciência dos desafios e dificuldades a percorrer, mas que não estão propensos a desistir, simplesmente, por serem alunos dessa modalidade.

Os que já se encontram no curso superior tiveram como principal desafio a inserção nesse espaço, devido à competitividade e por não se considerarem aptos a concorrer. Durante o curso, os desafios foram certas limitações relacionadas à fragmentação das disciplinas, que receberam no processo educativo anterior. Demonstraram reconhecer que os desafios enfrentados pelo grupo oriundo da EJA, se comparado aos de qualquer outro aluno egresso de escola pública, pareciam ser mais acentuados.

Evidencia-se também que o papel do professor é de suma importância. Podemos observar que, mesmo não tendo recebido incentivo por parte de alguns dos seus professores, mesmo se sentindo “limitados” e com certas dificuldades, os alunos entrevistados demonstraram confiança acerca da realização do objetivo de continuar a trajetória acadêmica.

Os alunos egressos da EJA, que já frequentam a Educação Superior, apontam para a emergência, ainda que discreta, de outros perfis desse público que, embora vivenciem a realidade e as dificuldades de conciliar trabalho e estudo, por vezes desacreditados por serem de camadas mais pobres da população e por tantos outros empecilhos, buscaram a EJA com o objetivo de ingressar no curso superior, não visando apenas a conclusão do Ensino Fundamental ou Médio, ou modificar a condição de analfabetos.

Na maioria dos relatos dos participantes é ressaltado que receberam incentivos de docentes, o que, segundo os relatos, mostrou-se como pontos positivos da modalidade, uma vez que reconhecem as vulnerabilidades às quais são relegados como público da EJA, marginalizados pela sociedade e, muitas vezes, sem perspectivas ou conhecimento de seus direitos. Logo, esses estudantes demonstraram ter buscado, inicialmente, melhores condições de sobrevivência e inserção social, mas o contato com o ensino formal levou-os a buscar algo a mais: o curso superior.

Tecendo algumas considerações

As hipóteses iniciais da tarefa investigativa eram as de que, a despeito da escola representar um território hostil, os alunos, *a priori*, regressavam a ela para concluir somente o Ensino Médio e, assim, estarem aptos a ingressar ou melhorar sua remuneração no mercado de trabalho. No entanto, os dados coletados revelaram novas realidades de expectativas e objetivos, pois, de acordo com os depoimentos dos alunos participantes da pesquisa, estes não se direcionam somente para a conclusão do Ensino Médio ou para o encaminhamento ao mercado de trabalho, embora sejam fatores significativos.

Considerando que os alunos da EJA vivenciaram experiências que os afastaram por algum tempo ou por vários anos dos espaços escolares, e que, ao retornam a esse contexto, trazem consigo uma visão formada de mundo, repleta de experiências, crenças, valores, vivências profissionais, responsabilidades, culturas e idades diversas e, ainda, valendo-se do postulado de Freire (2000) ao ressaltar que uma das primeiras experiências humanas é a leitura de mundo e, depois, a leitura da palavra, infere-se que transformar tudo isso em conhecimento formal significativo para esses sujeitos constitui-se em um desafio.

O ensino na EJA torna-se desafiador por ter um público que tem, em seu perfil, a dona de casa, os pobres, os marginalizados, os trabalhadores e os desempregados. Esse público, geralmente, tem uma ocupação menos valorizada socialmente, que oferece baixa remuneração, ou mesmo um trabalho informal, fato que o leva, muitas vezes, a ser visto como marginalizado socioeconomicamente pela sociedade. Comumente, são filhos de pais analfabetos ou semianalfabetos, que também têm trabalho informal e, em geral, vivem em situação de vulnerabilidade social.

Esses estudantes, habitualmente, voltam à escola por vários motivos: para aprender a ler e a escrever, para acompanharem seus filhos ou netos, por acreditarem que a educação lhes dará um futuro melhor, pela possibilidade do acesso ao Ensino Superior, por trabalho e salário melhores, enfim, acreditam em uma mobilidade social e econômica ascendente e buscam a respeitabilidade cultural.

Os participantes deste estudo, em seus depoimentos, mostraram que as principais expectativas dos estudantes da EJA são: superar a distorção idade/série, retornar aos estudos, concluir o Ensino Médio e prosseguirem na Educação Superior dando sentido ao princípio de que, embora pareça um paradoxo, os alunos da EJA atribuem grande importância ao diploma. Esperam, por meio da certificação na Educação Superior, conseguirem melhor trabalho, melhor remuneração, independência, além de aprender ler e escrever.

Os entrevistados vislumbraram na Educação Superior a possibilidade de uma melhor remuneração, reconhecimento, realização profissional e pessoal. Percebe-se que novas concepções vêm construindo novas histórias e identidades, enquanto sujeitos-cidadãos, o que nos remete ao início da educação popular, em que se buscava por uma educação que tornasse o aluno sujeito de sua história.

Nessa acepção, de forma propositiva, fica a indicação de que sejam realizadas novas pesquisas, que possam contribuir para a ampliação de políticas públicas, visando melhor organização das universidades para receber esse público e atender às suas especificidades.

Para além do compromisso da universidade para com esse público, o que mais toca o pesquisador nessa área é responder a outra expectativa, não menos importante, demonstrada aqui pelo grupo participante da pesquisa, qual seja, a realização dos sonhos interrompidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês de; PAIVA, Jane. (Org.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 43- 54.

BISINELLA, Patrícia B. Gomes. EJA e ensino superior: um estudo sobre trajetórias de egressos e a transição para o ensino superior no município de Caxias do Sul. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. **Anais...**, Florianópolis, 2011. Disponível em http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/638-0.pdf. Acesso em: 15 set. 2015.

BRASIL. Instituto Nacional Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2009. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

COSTA, Cláudia Borges. Educação de jovens e adultos (EJA) e o mundo do trabalho: trajetória histórica de afirmação e negação de direito à educação. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 10, n.5, p. 59-61, jul-dez/2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^oed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 39 ed.- São Paulo: Cortez, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 17^o ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVA, Analise da (Org.). **Diálogos com as juventudes presentes na EJA.** Belo Horizonte: Mazza Edição, 2014.

SILVA, Maria de Lourdes. **Enfrentamentos ao racismo e discriminações na Educação Superior:** Experiências de mulheres negras na construção da carreira docente. 2013. 241f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

_____. **Educação de Jovens e Adultos sob a ótica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: FEJA , 2015.